

Joana Rafael¹

Quem é o selvagem das nossas reservas? Arte e a reformulação da natureza em espaços para a sua preservação

Who is the savage in our reservations? Art and the recasting of nature in zoned spaces for its conservation

Resumo

Nos últimos anos, concepções de natureza como um reino à parte do, e subserviente ao, humano estão a ser, cada vez mais, desafiadas em prol do reconhecimento de um modo igualitário e inextricavelmente entrelaçado com o modo de estar-no-mundo dos humanos (sic). Um grupo internacional de artistas e ativistas, com as suas diversas práticas e compromissos conceituais, participou dessa transformação. Espelhando desenvolvimentos filosóficos recentes (como novo materialismo, realismo especulativo, ontologia orientada a objetos e novas ondas de ecofeminismo), estes ajudaram a repensar a relação da humanidade com a natureza e o meio ambiente, e a resistir ao legado de antigas atitudes utilitárias e instrumentais em relação a ideias de natureza, bem como a arranjos de reserva para a sua conservação. Esta apresentação mostra como esta transformação desafia a divisão metafísica que influencia negativamente e violentamente no ambiente planetário.

Palavras-chave: natureza, Amazonia, selvagem

Abstract

In recent years, conceptions of nature as a realm apart from, and subservient to the human, is growingly being challenged in prol of a recognition of an egalitarian and inextricably intertwined way with the human (sic) being-in-the world. An international grouping of artists and activists, in their various practices and conceptual engagements, participated in this transformation. Mirroring recent philosophical developments (such as new materialism, speculative realism, object-oriented ontology and new waves of eco-feminism) these have helped to rethink humanity's

¹ Joana Rafael é arquiteta e investigadora. Possui um MRes e um PhD em Culturas Visuais da Goldsmiths, Universidade de Londres. O seu doutoramento investiga causas e soluções para a crise ecológica e planetária - como esta se manifesta em atos de arquitectura e de reservas -, e examina como estas são encenadas através de um repertório de ações e formas problemáticas. Actualmente, para além de continuar esta investigação e praticar arquitectura, leciona Cultura Contemporânea no ISCE Douro, Penafiel,

relation to nature and the environment, and to resist the legacy of old instrumental attitudes towards - and ideas of - nature, as well as the arrangements of reservation for its conservation. This presentation portrays how this transformation has challenged the metaphysical division harming, negatively and violently, the planetary environment.

Palavras-chave: nature, Amazon, savage

Qual o papel da reserva, como ato e estrutura de conservação, na construção e manutenção de ideias sobre a natureza?

Os incêndios que, em Agosto (de 2019), assolaram vastas áreas protegidas da Amazônia brasileira colocaram a floresta tropical num estado ainda mais crítico de desflorestação, degradando, irreversivelmente, a maior reserva de biodiversidade da Terra. Nos dias que se seguiram, o chefe do povo Kayapó, Raoni Metuktire (conhecido pelas campanhas de proteção da floresta e seus povos através de Sting), publica no Guardian mais uma advertência sobre o modo destrutivo como nós, no ocidente, nos relacionamos com a natureza e o ambiente. A sua mensagem apela a uma responsabilidade ética (e política) pela defesa do ambiente planetário.

We, the peoples of Amazon, are full of fear. Soon **you** will be too (2019)

For many year **we**, the indigenous leaders and peoples of the Amazon, have been warning **you**, **our** brothers who have brought so much damage to **our** forests. What **you** are doing will change the whole world and will destroy **our** home - and it will destroy **your** home too.

We have set aside **our** divided history to come together. Only a generation ago, many of **our** tribes were fighting each other, but now **we** are together, fighting together against **our** common enemy. And that common enemy is **you**, the non-indigenous peoples who have invaded **our** lands and are now burning even those small parts of the forests where **we** live that **you** have left for us. (...)

We call on **you** to stop what **you** are doing, to stop the destruction, to stop **your** attack on the spirits of the Earth. When **you** cut down the trees **you** assault the spirits of **our** ancestors. When **you** dig for minerals **you** impale the heart of the Earth. And when **you** pour poisons on the land and into the rivers - chemicals from agriculture and mercury from gold mines - **you** weaken the spirits, the plants, the animals and the land itself. When **you** weaken the land like that, it starts to die. If the land dies, if **our** Earth dies, then none of us will be able to live, and **we** too will all die.

Why do **you** do this? **You** say it is for development - but what kind of development takes away the richness of the forest and replaces it with just one kind of plant or one kind of animal? Where the spirits once gave us everything **we** needed for a happy life - all of **our** food, **our** houses, **our** medicines - now there is only soya or cattle. Who is this development for? Only a few people live on the farm lands; they cannot support many people and they are barren.

(...)

You have to change the way **you** live because **you** are lost, **you** have lost **your** way. Where **you** are going is only the way of destruction and of death. To live **you** must respect the world, the trees, the plants, the animals, the rivers and even the very earth itself. Because all of these things have spirits, all of these things are spirits, and without the spirits the Earth will die, the rain will stop and the food plants will wither and die too.

We all breathe this one air, **we** all drink the same water. **We** live on this one planet. **We** need to protect the Earth. If **we** don't, the big winds will come and destroy the forest. Then **you** will feel the fear that **we** feel.

Imagem produzida de extrato de artigo de opinião, publicado no Guardian, 2 de Setembro, 2019

O uso que Metuktire faz dos pronomes **We** (nós) e **You** (tu) para transmitir a sua mensagem elucida o contraste entre visões de mundo dos povos indígenas ameríndios - intimamente ligados à terra -, e da sociedade ocidental, e veicula um importante gesto crítico sobre o modo como nós, no ocidente, nos relacionamos com a natureza. Implícito neste modo está a nossa concepção de natureza como *outro*, e objecto maleável do desejo de controlo da humanidade ou recurso de poder. Uma concepção que têm vindo a ser também desafiada pelas artes e humanidades como sendo ao mesmo tempo causais e consequentes da lógica utilitária e instrumental subjacente aos princípios da modernidade industrial que suporta a sociedade ocidental. Mais ainda, uma concepção que está a ser discutida como obstáculo a modelos melhores (Latour, 1999; Morton, 2007; Woodard, 2010), contra a comodificação do mundo da vida e o aumento *progressivo* e imoderado do consumo do mundo natural, e importante ponderar.

O tipo de interesse por detrás destas discussões contesta as distinções metafísicas que separaram e elevaram o homem (sic) do mundo das coisas e da natureza, e que exemplifica a máquina antropológica (Agamben, 2004). Esta 1) transformou todos os relacionamentos entre homem e natureza em relações de sujeito-objecto, 2) definiu as diretrizes de como gerencia-las bem, 3) levou o homem a uma posição de domínio sobre o planeta, e como os proponentes do *antropoceno* e do *climate change* evidenciam, 4) causou danos graves - e generalizados - no ecossistema planetário. O processo que nos levou a perder frente a catástrofe ecológica instalada, e que tem vindo a ser criticado por várias (não apenas indígenas) formas de ativismo civil e organizações de defesa do ambiente. E, o processo em torno da qual importantes reivindicações e articulações políticas alternativas têm vindo a ser construídas e propagadas em defesa de um mundo que reconhece a singularidade de, e a interdependência entre, todos os seres (humanos e não humanos), assim como a reciprocidade de processos envolvidos na sua criação. Este é um mundo onde pode existir luta ecológica mas também cooperação, competição mas também simbiose, medo mas também prazer (Smith, 2011), mas onde não somos o agente dominante.

Entre estas reivindicações, e no propósito desta apresentação, destaco as de desenvolvimentos filosóficos mais recentes como novo materialismo, realismo especulativo, ontologia orientada a objetos e novas ondas de eco-feminismo a produzir modelos criativos de desafiar o pensamento antropocêntrico e reformular os fundamentos metafísicos das nossas atitudes em relação à natureza, com impacto no campo das artes. Muitos destes modelos reconhecem que os modos de vida que grupos indígenas protegem têm muito a ensinar sobre como nos podemos relacionar com a natureza de maneira não apenas instrumentalista e utilitária mas baseada em sinergias com a biodiversidade (Viveiros de Castro, 2015; Demos, 2016) - onde não estamos limitados a um entendimento da humanidade como excepcional e autônoma (Klein, 2014).

Para proponentes do novo materialismo, realismo especulativo, ontologia orientada a objetos e novas ondas de eco-feminismo, “precisamos de tratar as relações entre rochas e vento, algodão e fogo na mesma base que a relação entre os humanos e o que eles encontram” (Harman, 2008) e constroem. Destruir e destilar a diversidade do mundo - através nossa epistemologia ocidental - significou reduzir e simplificar este mundo - e os mundos que ele contém - a uma divisão simplista entre cultura e natureza e, ao fazê-lo, empurrou outros modelos e sócio-cosmologias para a invisibilidade (Marques, 2014-15).

Neste sentido, da Amazonia provêm não apenas (uma historia de) mensagens de advertência e de apelo, mas o exemplo de excelência tanto desta simplificação e destruição, assim como de compreensão e possível ajuste da nossa relação com o mundo.

Como é que a arte descreve, traduz e considera estas ideias e registra novas concepções de natureza?

A Amazónia, a maior floresta tropical do mundo é um dos espaços mais simbólicos de ambiente idealizado e exotizado como “primitivo”, “prístino” e “selvagem”, e racionalizado como fonte de vida: “repositório de biodiversidade” e “refugio da natureza integral”. Ela é um espaço conceitualmente reduzido a outro natural e inato, legitimado por narrativas de exploradores, naturalistas e etnografos, que retratavam a Amazonia - com o auxilio de modelos científicos de determinismo ambiental (Meggers, 1954) - como território inóspito para a civilização. Uma ideia que serviu de base para impedir o crescimento demográfico, sócio econômico, a estratificação política, inovação tecnológica e conseqüentemente o surgimento de aglomerações urbanas no território, na tentativa de lhe preservar o natural. Mas que serviu também para naturalizar uma serie de contactos destrutivos (e sucessivos) que incluíram processos de genocídio e de desapropriação - durante os séculos de ocupação/colonização europeia - assim como de “integração” das comunidades indígenas na nossa, durante a segunda metade do século XX. Estes contactos incluíram processos que facilitaram a progressiva “anulação” dos povos indígenas em prol de uma estratégia de planeamento, controlo e exploração - de apoio a industria de extração de reservas naturais (e locais) de petróleo, gás e minerais. Processos que abalaram crenças espirituais, sistemas religiosos e instituições sociais e políticas indígenas, e empurraram inúmeras comunidades para áreas de jurisdição chamadas áreas reservadas, de modo a assegurar a sua sobrevivência, e “independência”. Mas processos que, conseqüentemente, enfraqueceram capacidades efectivas de inibição da desflorestação - e de bloqueio de pressões externas e de corporações - das comunidades indígenas pelo território.

De forma análoga à reserva de selvagens que Aldous Huxley, em *Admirável Mundo Novo* (1932), contrasta com o mundo futurista e civilizado² - no contexto do imperativo tecnológico e do progresso material e científico do pós-primeira Guerra Mundial - estas áreas podem ser vistas como lugares onde “em razão de condições climáticas ou geológicas, ou da pobreza dos recursos naturais, não se julgou conveniente realizar as despesas para civilizar”(1932). São áreas paradoxalmente livres do domínio ocidental humano, embora remetidas a considerações políticas e jurídicas do mesmo. Áreas que resultam em uma espécie de reserva histórica onde se preservam não apenas funções vitais na regulação do clima global mas também (e devido a) costumes e tradições “selvagens” e socialmente construídos contra conflitos geopolíticos e ecológicos actuais, em contraste com o nosso entendimento antropocêntrico do que é o natural e “humano”.

Na Amazonia brasileira, deu-se início a um processo para desmontar o mecanismo de defesa das áreas reservadas, com a passagem da tutela das terras indígenas da fundação nacional do índio para o ministério da agricultura, mas na equatorial uma rede de ambientalismo, ativismo indígena e práticas de jurisprudência conseguiram o reconhecimento da natureza como sujeito e de direitos. Através da contestação da destruição corporativa e estatal da floresta ameríndia, conseguiram emendas constitucionais e códigos legais importantes como a Lei dos Direitos da Mãe Natureza, instituída em 2008 (no Equador). A artista Ursulla Biemann e o arquitecto Paulo Tavares expõem este processo na sua instalação multimídia *Forest Law* (2014).

O interesse do mundo da arte por este território tem exposto uma diversidade de experiências de estar e viver na Amazonia. Obras de Franz Krajcberg denunciam ciclos de destruição e crimes contra a natureza (e a humanidade) que a exploração de minérios e a desflorestação infligiu na Amazonia brasileira. Roberto Evagelista padroniza esta destruição com a trazida pelo projecto de colonização. Werner Herzog mostra-nos a sua decepção com o imaginário edênico construído historicamente sobre a Amazonia. Nos filmes *Aguirre, a cólera dos deuses* (1972), *Fritzcaraldo* (1982) e mesmo em *Burden of Dreams* (1982), ele revela as incoerências do projecto civilizador, das tentativas colonialistas, de modernização da região, e mostra as perspectivas de populações indígenas ameríndias e do perigo da sua extinção. Juan Downey recorda os hábitos e rituais de uma destas populações, os Yanomami. Nestas diferen-

2 este mundo civilizado, de Aldous Huxley, corresponde ao ambiente de um mundo futurista onde uma combinação de ciência da observação e de controlo do comportamento alimenta uma sociedade ultra-estruturada e assente numa racionalidade de eficiência, tipicamente industrial (632 depois de Ford!). Neste mundo a eugenia e a produtividade governa a sexualidade e a procriação, e a felicidade é atingida através da repressão de tudo o que possa levar ao sofrimento e conduzir o homem a sentimentos conflitantes, abalar o estado emocional e a estabilidade social. As pessoas são cultas e iluminadas, consideradas humanas e regidas pelo prazer, promiscuidade e indulgência, e livres de restrições morais.

tes explorações, somos confrontados com a dor das florestas devastadas, e a dos que a habitam, mas também com intenções éticas e políticas que elucidam um outro selvagem, bem diferente do idealizado e retratado como exótico ou primitivo.

A luta pela reafirmação do perspectivismo ameríndio, e pela recuperação da cosmologia dos povos indígenas como soberana no território, tem sido tão desafiadora na sua complexidade quanto na sua geografia - estética, política, cultural e afectiva. Nesse sentido, a mensagem de Metuktire é particularmente inspiradora: a nossa relação com a natureza e o meio ambiente ameaça não só a floresta Amazonia como o nosso futuro. Insistir em momentos para olhar o que nos tornamos, desafiar e recategorizar as nossas ideias de natureza para imaginar um futuro mais diversificado e inclusivo, ou apenas decidir mudar, parece ser uma direção urgente para a produção e o discurso artístico - se queremos de facto parar com a forma violenta como a nossa influencia impacta no ambiente planetário.

Referências

Agamben, Giorgio, 2004, **The Open: Man and Animal**, Stranford: Stranford University Press

Demos, T.J., 2016, **Decolonizing Natures, Contemporary Art and the Politics of Ecology**, Amsterdam: Stenberg Press

Harman, Graham, 2008, "On the Horrors of Realism: An Interview with Graham Harman", **Pli** 19: 218-239

Klein, Naomi, 2015, *This Changes Everything: Capitalism Vs Climate Change*, New York: Simon & Schuster

Latour, Bruno, (1999) 2004, **Politics of Nature - How to bring the sciences into democracy**, Harvard: Harvard University Press

Tavares, Paulo, 2017, "In the Forest Ruins", e-flux: **Superhumanity**. Online in: <https://www.e-flux.com/architecture/superhumanity/68688/in-the-forest-ruins/>

Marques, Pedro Neves, 2014-15, **Why the Forest is the School/Where to sit at a dinner table?**, Kadish Foundation

Marx, Karl, 1990, **Capital** volume I, Harmondsworth: Penguin

Meggors, Betty J., 1954, "Environmental Limitation on the Development of Culture", **American Anthropologist**, New Series, Vol. 56, No. 5, Part I

Morton, Timothy, 2007, **Ecology Without Nature: Rethinking Environmental Aesthetics**, Cambridge: Harvard University Press

Smith, Mick, 2011, **Against Ecological Sovereignty: Ethics, Biopolitics and Saving the Natural World**, Minneapolis: University of Minnesota Press

Stengers, Isabelle, (2009) 2015, **In Catastrophic Times**, Ann Arbor, MI: Open Humanities Press

Viveiros de Castro, Eduardo, 2015, **Metafisicas Canibais**, Sao Paulo: Cosac Naify

Woodard, Ben, 2010, **On an Ungrounded Earth: Towards a New Geophilosophy**, New York: Punctum Books